

## **Um estudo sobre representações da violência na literatura brasileira em materiais didáticos do Ensino Médio**

*Juliana de Oliveira Santos<sup>2</sup>*

Este trabalho apresenta algumas análises da pesquisa de mestrado em andamento a respeito de como o ensino aborda textos de literatura brasileira com a temática da violência. Ao analisar materiais didáticos utilizados para o ensino básico, percebe-se que o ensino de literatura é normalmente efetuado por meio de uma estrutura que divide os textos em escolas literárias. Nessa concepção de ensino, a literatura mais ilustra características atribuídas aos períodos do que expressa unidades individuais de sentidos. Com isso, há algumas consequências como a dificuldade de possibilitar um ensino de literatura que evidencie o caráter polissêmico dos textos e forme leitores literários. É nesse contexto que a pesquisa se configura como uma investigação a respeito de um dos aspectos que é extraído de muitos textos: a violência. A partir da análise de como o poema “O navio negreiro”, de Castro Alves é abordado em três coleções didáticas do Ensino Médio, aprovados pelo PNDL 2018, seguiu-se o questionamento sobre o porquê de a violência, expressa pelo contexto da escravidão e da brutalidade com que os indivíduos são retratados no poema, não é algo focalizado, e em qual lugar estariam os textos entendidos com aspectos de representações de violência. Chegou-se assim na literatura contemporânea, que apesar de muito difusa nos materiais, por não ter uma estabilidade de contextualização e classificação como ocorre com os outros períodos literários, é o momento em que a palavra violência e alguns tópicos dela aparecem. O objetivo deste trabalho é, então, levantar algumas hipóteses sobre esses aspectos e sobre as implicações desse ensino de literatura e apresentar algumas das análises a respeito de como o poema “O navio Negreiro” é apresentado nesses livros didáticos.

### **Palavras-chaves:**

Ensino de literatura brasileira; Literatura brasileira e violência; Literatura e livros didáticos.

---

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas – FFLCH-USP. E-mail: juliana.oliveira.santos@usp.br

Como critério de seleção das coleções didáticas para análise na pesquisa foram utilizados os parâmetros adotados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNDL 2018), por considerar a relevância desse documento que tem grande impacto na distribuição dos livros didáticos, sobretudo para as escolas públicas do país. A delimitação de três obras ocorreu devido ao tempo da pesquisa e priorizou as coleções que tiveram na avaliação do PNDL destaque para a formação de leitores. Assim, as três coleções escolhidas foram: *Português: trilhas e tramas*, das autoras Graça Sette, Márcia Travalha e Rozário Starling; *Novas Palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio; e *Veredas da palavra*, de Roberta Hernandez e Vima Lia Martin.

Já a seleção do poema “O navio negreiro” ocorreu por esse texto estar presente em todos os livros didáticos selecionados pelo PNDL 2018, descrito como representante do condoreirismo, fase do Romantismo brasileiro, e pelo texto ter em si fortes aspectos de violência, já que retrata a trajetória de pessoas sendo trazidas da África ao Brasil na condição de escravos, e sofrendo já em alto mar as mais diversas torturas. O poema é dividido em seis cantos que narram essa trajetória.

Além disso, por ser um poema de grande prestígio, podemos considerar os elementos que são valorativos, ou seja, marcas de obras tornadas canônicas que viram paradigmas para a consideração de outras obras. Na literatura brasileira, por exemplo, os ideais de exaltação nacional são exemplos desses valores. Segundo Antonio Candido (2014), o Romantismo exerceu forte contribuição na formação de uma literatura que tem como valores o nacionalismo e a concepção de unidade nacional. O crítico analisa que um dos ideais do Romantismo era o de “dotar o Brasil de uma literatura equivalente às europeias, que exprimisse de maneira adequada a sua realidade própria ou como então se dizia, uma ‘literatura nacional’” (CANDIDO, 2014, p.327). É nesse ínterim que textos literários com indicações de violência estão inseridos e em que se percebe uma tendência de supressão de aspectos negativos, gerando uma artificialização empobrecedora das obras.

Vale ressaltar também que, quando a palavra violência é mencionada, estamos entendendo-a numa ampla acepção. Mesmo sendo esse conceito parte integrante da história e cultura brasileira, estas também são compostas pelo recorrente apagamento das ocorrências de violência, bem como pela banalização com a qual é tratada em seus mais diversos aspectos, o que dificulta uma percepção única do que

seria violência. Para uma reflexão inicial, porém, nos valem da proposição feita por Marilena Chauí: “A violência é a brutalidade que transgride o humano dos humanos e que, usando a força, viola a subjetividade (pessoal, individual, social), reduzindo-a à condição de coisa” (CHAUÍ, 2006, p.23).

“Transgredir o humano dos humanos” é uma das funções que o ensino humanizador poderia erradicar, afinal, é no aprendizado que também ocorrem as interações entre os indivíduos e o possível entendimento sobre alteridade, respeito e empatia, podendo-se ampliar a concepção “do outro” como um indivíduo que não pode ser objetificado. Tratar de educação com viés humanizador, não é, no entanto, mascarar problemas sociais para a sustentação de um ideal harmonioso. Aliás, quando o ensino se abstém de explicitar os problemas nos quais estamos inseridos, gera-se um apagamento deles, amenizando-os, como acontece com as representações de violência. Nesse caso, a escola passa a ter também responsabilidade na manutenção de uma imagem ideal de sociedade e de como os alunos são educados para olhar a ela.

Castro Alves é um exemplo de autor que possui leituras as quais já se tornaram hegemônicas. Sobre esse aspecto, nas descrições realizadas do poema “O navio Negreiro”, nos livros didáticos analisados, é possível observar que este autor é referido como o poeta da liberdade e o poema, como defesa da liberdade dos escravos. Entretanto, há outras interpretações possíveis, uma vez que liberdade não é algo reiterado no poema. Como uma das poucas representações de indivíduos livres, o “Canto V” faz uma referência a um passado, no continente africano, em que essas pessoas eram guerreiras, caçavam e dormiam livremente como aparece no verso “ontem plena liberdade”. Há oposição desse tempo anterior ao momento presente do poema, como expresso em: “hoje... cúm’lo de maldade”, verso que sintetiza as mazelas desses sujeitos que, escravizados, são presos por correntes, açoitados e passam pelas mais diversas situações de tormento no navio.

A defesa da liberdade pelo eu lírico também ocorre no “Canto VI”, o qual só está presente no livro *Veredas da Palavra*. Neste trecho, a bandeira nacional é o objeto que serve “p’ra cobrir tanta infâmia e cobardia”. Esse símbolo é recorrentemente associado à exaltação de aspectos positivos do país e utilizado em momentos de homenagens, assim como também aparece no verso “foste hasteado dos heróis na lança”, como representação de glórias e liberdade após guerras e

conquistas, mas é colocado nesse trecho como o oposto de um símbolo de orgulho ao figurativamente legitimar a barbárie.

Entretanto, surgem no poema mais imagens da própria escravidão e das torturas empenhadas aos escravos. Apesar de os livros optarem pelo destaque à liberdade, esse conceito está mais ligado aos ideais do poeta do que à representação presente no poema, se considerarmos que não é um poema sobre liberdade, mas pode ser entendido como um texto sobre a falta dela, ainda que haja essa oposição marcada nos contrastes do texto.

Como vimos o Romantismo esteticamente é um período classificado como momento de grande exaltação de ideais nacionais. Embora esses valores, nas classificações didáticas, estejam normalmente atribuídos aos poetas da primeira geração romântica, como Gonçalves Dias, são aspectos que marcam o ideário do que se espera dos autores do Romantismo de maneira geral. Para a designação desse momento literário, há a ideia de que a fase era marcada por “exaltação dos valores e heróis nacionais” (AMARAL et al., 2016, p.76). Dessa forma, ficaria contrastante destacar em um poema do Romantismo aspectos que estejam ressaltando como o país legitima a violência ao ser conivente com o tráfico de pessoas e com as mazelas sofridas pelos escravos. Essa é uma das hipóteses para o fato de apenas o livro *Veredas da Palavra* adotar o “Canto VI”, já que este é o trecho que apresenta os símbolos nacionais como legitimadores da opressão imposta aos escravos. Os livros *Novas palavras* e *Português: Trilhas e tramas* estariam gerando contradições internas se apresentassem este canto, pela forma como contextualizam o período.

Já o “Canto V” é o fragmento do poema que aparece nas três coleções didáticas. O início dessa parte do poema é um momento de grande força retórica, devido à interpelação a Deus, “senhor dos desgraçados”, além de, como foi citado, ser um dos pontos em que ocorre a oposição entre um passado de liberdade e um momento presente de infelicidades.

A partir dessas reflexões ressalta-se a importância de que os textos literários sejam os objetos centrais no ensino de literatura e, para isso, os livros didáticos têm um papel importante em oferecer recursos para que cada texto seja estudado de forma a extrair diversas possibilidades interpretativas. Nesse sentido, o livro *Veredas da Palavra* é o que mais contempla a conexão entre as informações apresentadas: os dados biográficos da vida de Castro Alves estão, relacionados com a visão que o livro apresenta sobre o condor, bem como os fragmentos apresentados do poema (cantos

IV, V e IV) não contradizem os ideias de nacionalismo, pois o livro apresenta esses valores como uma construção do período, explicitando os motivos pelos quais o Romantismo configurou-se como um período que se fundou com essas características.

Com a continuidade da pesquisa, há a intenção de prosseguir com as reflexões, aprofundando as análises sobre a violência nos textos literários considerados como contemporâneos pelos livros didáticos, já que são nesses capítulos que a palavra violência aparece como caracterizadora do período. Além de propor relações entre a violência expressa nesses textos da literatura contemporânea e a falta da abordagem da violência em “O Navio Negreiro”, de Castro Alves, nessas coleções didáticas estudadas.

## Referências Bibliográficas

### Coleções didáticas analisadas

ALVES, Roberta H.; MARTIN, Vima L. P. *Coleção Veredas da palavra* (3 volumes). São Paulo: Ática, 2016.

AMARAL, Emília et. al.. *Coleção Novas palavras*. 3. Ed. (3 volumes). São Paulo: FTD, 2016.

SETTE, Graça; STARLING, Rozário; TRAVALHA, Márcia. *Coleção Português: trilhas e tramas*. 2.ed. (3 volumes). São Paulo: Leya, 2016.

### Texto literário mencionado

ALVES, CASTRO. *Obra completa*. In.: Gomes, Eugênio (org). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 3ª reimpressão, 1997.

### Bibliografia geral

AVELAR, Idelber. Cânone literário e valor estético: notas sobre um debate de nosso tempo. *Revista brasileira de literatura comparada*. Rio de Janeiro: Abralic, 2009. n.15.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In.: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

GINZBURG, Jaime. *Crítica em Tempos de Violência*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.

PAES, José Paulo. O condor pragmático. In.: \_\_\_\_\_. *Transleituras*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

REIS, Roberto. Cânon. In.: JOBIM, José Luis. *O ensino de teoria da literatura na graduação em letras*. Cadernos de Letras da UFF. Niterói: UFF, 1990. n.1.

ROSENFELD, Anatol. Castro Alves e Heinrich Heine. In.: \_\_\_\_\_. *Letras e leituras*. São Paulo: Perspectiva, 1994.